



INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS

JOÃO BATISTA OLIVEIRA DE CASTRO

**A REVISTA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DO CEARÁ: LEITURAS DE IMAGINAÇÃO SOCIOLÓGICA**

Projeto de pesquisa para trabalho de conclusão de curso apresentado a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como exigência curricular a aquisição do título de Bacharel em Humanidades

Orientador: Dr. Mário Henrique Castro Benevides

Redenção/2016

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Direção de Sistema Integrado de Bibliotecas da Unilab (DSIBIUNI)
Biblioteca Setorial Campus Liberdade
Catálogo na fonte
Bibliotecário: Gleydson Rodrigues Santos – CRB-3 / 1219

C35r Castro, João Batista Oliveira de.

A Revista de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará: leituras de imaginação sociológica. / João Batista Oliveira de Castro. – Redenção, 2016.

44 f.: il.; 30 cm.

Projeto de pesquisa do curso do Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB.

Orientador: Prof. Dr. Mário Henrique Castro Benevides.

Inclui referências.

1. Ciências sociais. 2. Ciências sociais – periódicos. I. Título.

CDD 300

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Mário Henrique Castro Benevides

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira –
UNILAB

Prof. Dr. Roberto Kennedy Gomes Franco

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira –
UNILAB

Prof. Dr. Leandro de Proença Lopes

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira –
UNILAB

Aprovada em ____/____/2016

SUMÁRIO

OBJETIVOS E DELIMITAÇÃO DO OBJETO	04
CONTEXTO HISTÓRICO GERAL E ESPECÍFICO	05
REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E FUNDAMENTAÇÃO TEORICA	10
METODOLOGIA	16
Análise Documental	17
Entrevista	21
BIBLIOGRAFIA	23
CRONOGRAMA	24
ANEXO	26 - 44

1. OBJETIVOS E DELIMITAÇÃO DO OBJETO

Este projeto tem como objeto de estudo um dos periódicos da Universidade Federal do Ceará (UFC), a Revista de Ciências Sociais (RCS) publicada pelo Departamento de Ciências sociais desde 1970 até hoje. O estudo observa a presença de autores estrangeiros no campo científico cearense, por meio da observação da produção de artigos de sociologia, em um período de tempo compreendido entre 1994 e 2016. Tomaremos como ponto de análise os referenciais bibliográficos e os autores de cada trabalho publicado, observando a quantidade de brasileiros e não-brasileiros e os temas abordados em cada edição.

O objetivo geral desse trabalho é traçar um perfil das *redes de interdependência* (ELIAS, 2001) inseridas no campo científico cearense através das publicações da Revista de Ciências Sociais. Para tanto, como objetivos específicos, iremos analisar as leituras disponíveis na RCS; observar os temas abordados em cada edição, bem como perceber as escolas sociológica dos autores que publicaram artigos e dos teóricos referenciados nas bibliografias de cada artigo de 1994 a 2016.

Esse trabalho parte da hipótese de que o campo científico da sociologia brasileira e cearense se encontra ainda numa posição de *dependência*, revelando-se como periférico em relação aos grandes centros de referência científica pela importação de modelos teórico/metodológicos. Para nós, se esta noção se verificar na realidade tal como deduzimos, será nos veículos de divulgação dos trabalhos científico, onde a busca pela autoridade científica revela os fluxos mais intensos do compartilhamento de ideias, onde identificaremos o monopólio da autoridade científica e, por consequência, as posições ocupadas na hierarquia do campo científico da sociologia no Ceará, traçando assim um mapa do cenário acadêmico onde tal ciências atua.

Entendemos também que a produção sociológica disponível nessa revista alcança uma boa divulgação no meio intelectual cearense, portanto, podemos colher nela material suficiente para um panorama bem detalhado sobre as leituras sociológicas disponíveis nas ciências sociais da UFC e o que se reflete na história da sociologia cearense.

A grande inquietação a que buscamos resposta com esse trabalho é: o que o sociólogo cearense tem disponível para leitura na Revista de Ciências Sociais da UFC? Entendemos que a leitura tem sua parcela de contribuição e de influência na construção

do sociólogo e consideramos que os periódicos acadêmicos são um dos principais veículos de divulgação das novidades empíricas. Então, se queremos, em um primeiro momento, conhecer o intelectual da sociologia cearense, precisamos atentar para a bibliografia que está ao seu alcance e a Revista de Ciências Sociais, nesse caso, é uma importante fonte, apesar de não ser a única.

Temos plena consciência de que tal recorte não pode exatidar nem qualificar essa suposta “dependência”, por isso classificaremos esse trabalho como uma primeira parte do interesse em esmiuçar ao máximo a realidade do campo científico da sociologia cearense. Por enquanto, portanto, nos dedicaremos, nesta pesquisa, em traçar um mapa das referências bibliográficas e dos autores citados nos artigos do período apontado; como uma estratégia de acesso a discussões maiores.

Haja vista o atual momento das propostas governamentais para a educação no Brasil¹, onde algumas disciplinas das ciências humanas são alvos de descarte na educação básica, é de total fortalecimento da sociologia fazer uma análise autocrítica de sua própria atuação para conquistar seu espaço. Essa seria, além de tudo, uma boa justificativa para execução desse e de outros trabalhos nessa perspectiva.

Falemos também da necessidade que se tem de conhecer o profissional da sociologia no Ceará e no Brasil e as consequências de sua formação no *modus operandi* dos sociólogos em nosso território. Essa análise seria de extrema utilidade no repensar a autonomia técnico-conceitual do sociólogo e na figuração da imagem do campo científico da sociologia no estado do Ceará. Esse trabalho se empenhará em alcançar essa imaginação necessária, se não com tal nitidez, mas com, no mínimo, um interesse inicial em visualizar o esboço desse corpo, além de despertar a curiosidade do nosso campo em conhecer-se a si próprio.

2. CONTEXTO HISTÓRICO GERAL E ESPECÍFICO

¹ O atual momento citado no texto acima se refere a medida do governo brasileiro da desobrigação da educação básica em oferecer as disciplinas de Sociologia, Educação Física e Artes. Essa medida, até o fechamento desta edição, ainda está em tramitação no congresso, em novembro 2016, através da Proposta de Emenda a Constituição 55 (PEC-55). O fato de ainda estar em tramitação e não exatamente aprovada não torna menos válido o argumento de que as Ciências Humanas são sempre os primeiros alvos dos cortes orçamentários do governo brasileiro, afinal, só de haver essa proposta, tal ideia já se valida.

Os periódicos científicos surgiram na Europa, por volta do século XVII, exatamente como um meio de divulgação que atingisse um maior número de leitores, diversificassem o público e acelerasse o processamento das informações (STUMPF, 1996). Antes dos periódicos, os cientistas divulgavam suas pesquisas através de cartas ou atas, porém as cartas tornavam a comunicação lenta e seletiva, além de aderir um caráter pessoal ao conteúdo. A exemplo, um pesquisador não mandaria os resultados de suas pesquisas a quem, notadamente, estivesse predisposto a refutar suas ideias (STUMPF, 1996).

É bom lembrar também, tal como ressaltou Stumpf (1996), que os periódicos científicos não aboliram o uso das cartas ou das atas, apenas somou e realocou funções. As cartas passaram a assumir verdadeiramente a função de comunicação interpessoal, e as atas começaram a constituir-se como relatório documental de atos formais. Óbvio que a comunidade científica continuou usufruindo dessas ferramentas de comunicação: a carta na comunicação e na troca de ideias; e as atas como registros funcionais, porém não mais como meio de divulgação da produção científica. Essa função reservou-se gradualmente aos periódicos.

As primeiras revistas científicas que surgiram no século XVII, traziam edições com poucas páginas, precisando compilar de forma mais resumida possível o material a ser divulgado. Por tanto, servia mais como um divulgador panorâmico, que das próprias obras em si, sendo estas, geralmente, preferida a forma “monográfica de livros impressos” (STUMPF, 1996. p.02). Como o livro era custoso, os cientistas foram adaptando suas produções e subdividindo-as em fascículos até que se chegou a configuração que se tem hoje.

Segundo Stumpf (1996), a primeira revista científica surgiu em 1665, em Paris: o *Journal des Sçavants*; começou a ser publicado em Janeiro; tinha periodicidade semanal; tratava de vários assuntos relacionado a pesquisas científicas em curso, lançamentos de livros ou novidades do meio; tratavam de assuntos legais e teológicas também. Em março do mesmo ano surge o segundo periódico a circular pela Europa, o *Philosophical Transactions da Royal Society of London*, e tinha características mais semelhantes as revistas de hoje. Diferente do *Journal des Sçavants*, embora inspirado nele. O *Royal Society* tinha a periodicidade mensal e características mais científicas, excluindo os assuntos legais e teológicos.

Para Stumpf (1996), o *Journal des Sçavants* e o *Royal Society* contribuíram, cada qual a sua forma, para o desenvolvimento dos periódicos científicos de hoje: o *Journal des Sçavants*, para as revistas que tratam de ciência em um modo geral; e o *Royal Society*, para comunidades científicas específicas. No século XVIII começa a surgir na Europa revista especializadas, ou seja, aquela que dedicavam suas ações a uma única área do conhecimento, tal como acontece hoje na maioria dos periódicos.

Os investimentos começaram a se diversificar e as revistas passaram a ser financiadas por empresas comerciais setoriais, privadas ou públicas, Universidades, e até mesmo por estados. Esses financiamentos setoriais controlavam também as bibliografias (STUMPF, 1996. p.02). Para alguns autores, as revistas científicas têm se mantido com as mesmas configurações até hoje. Já para outros, algumas características têm mudado, porém sem tanta revolução na área.

Um das características que muito potencializou as revistas científicas desde a década de 1970, tem sido o advento da informática e do mundo digital. Depois da tentativa de publicação em microformas na década de 60, que não obteve sucesso, e com o advento da informação automatizada, as revistas se reconfiguraram e aumentaram seu público e seus publicadores, sua velocidade na publicação, baratearam seus custos e resolveram o problema de armazenamento, passando a digitalizar suas edições. Embora as impressões no papel ainda sejam realizadas, os usos da Internet e dos meios virtuais ganham bastante espaço nos periódicos científicos atualmente.

Na Revista de Ciências Sociais da UFC, a forma impressa ainda é priorizada, porém, dos periódicos de 2005 até 2016 já estão disponíveis na forma digital no *site*² oficial da revista³. Estas formas digitais e gratuitas, facilitam a pesquisa na obtenção dos periódicos, por dois motivos: primeiro por permitir a aquisição dos exemplares, já que algumas edições impressas não estão disponíveis ao público por restarem apenas um único exemplar, que é o do arquivo da própria revista⁴; segundo por desonerar a aquisição, facilitando a demanda de recursos financeiros.

² **Site:** local na Internet identificado por um nome de domínio, constituído por uma ou mais páginas de hipertexto, que podem conter textos, gráficos e informações em multimídia.

³ **Site oficial da Revista de Ciências Sociais da UFC:** <http://www.periodicos.ufc.br/index.php/revcienso/index> (visto em 24/08/2016)

⁴ As edições em que só restam um único exemplar ficam abertas à consulta, mas apenas no local, no caso, na sala da revista, no prédio do Departamento de Ciências Sociais da UFC.

A Revista de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará, criada em 1970, tem periodicidade semestral e serve como veículo de divulgação das pesquisas e das atividades docentes e discentes do Departamento de Ciências Sociais, publicando as produções de alunos e professores. “A Revista tem como objetivo divulgar os resultados de pesquisas empíricas e teóricas em antropologia, sociologia e ciência política”⁵.

A professora Maria Silvia Porto Alegre (1995) identifica três fases da revista até 1994, data de publicação da revista comemorativa dos 25 anos da RCS. Segunda ela, temos a primeira de 1970-1975, fase de implantação; 1976-1989, onde a importância ganha outras proporções com a criação do curso de Mestrado em Sociologia do Desenvolvimento em e com os esforços do professor Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes na coordenação do corpo editorial; e de 1990 em diante, com a criação do Doutorado em Sociologia e a criação de um corpo editorial cuidando dos novos desafios da revista (PORTO ALEGRE, 1995).

Os cinco primeiros anos da Revista de Ciências Sociais da UFC foram pautados principalmente pelas produções sociológicas de cunho regionalista (PORTO ALEGRE, 1995, p.7), levando em consideração o engatinhar da universidade, ainda muito nova no cenário acadêmico, e a modesta produção que se obtinha a respeito do lugar. Em 1976, com a criação do mestrado em Sociologia do desenvolvimento, a revista passou a tomar uma proporcionalidade maior e rever seus conceitos de olhar social e espacial de suas próprias produções e publicações, levando a pensar as possibilidades de extensão do seu braço de alcance.

Segundo PORTO ALEGRE (1995) a revista apesar de “ecclética” em termos de formação teórica dos colaboradores, “distribuindo-se entre a antropologia norte-americana, a sociologia francesa e a filosofia alemã”. Para ela, era nítido perceber a forte tendência teórica das escolas de formação dos autores dos artigos publicados.

É visível nos artigos a influência dos modelos e escolas de pensamento dominantes nas diferentes universidades brasileiras e estrangeiras onde os docentes obtinham suas titulações de mestrado e doutorado (PORTO ALEGRE, 1995.p.07).

A partir dessas observações sobre os artigos publicados nas Revistas de Ciências Sociais, a professora Maria Sylvia Porto Alegre divide os primeiros anos da revista em

⁵ REVISTA DE CIÊNCIAS SOCIAIS, Apresentação. Disponível em <http://www.periodicos.ufc.br/index.php/revcienso/index> (acesso: 21/04/2016)

duas principais tendências teórico-metodológicas: uma *sincrônica*, unindo as tipologias e classificações norte-americanas e as análises estruturalista da sociologia francesa; a outra *diacrônica* trabalhando a dinâmica histórica baseada nas filosofias fenomenológica e dialética.

Já nos anos oitenta, com o professor Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes, a revista toma novos rumos e os temas se voltam mais para questões periféricas, como por exemplo, “a pequena produção, a agricultura de subsistência e os conflitos sociais do capitalismo” (PORTO ALEGRE, 1995, p.09). Segundo Porto alegre (1995, p.09), passa a ser observado uma maior presença de intelectuais brasileiros fazendo contraste aos estrangeiros na bibliografia dos artigos a partir de então.

A partir dos anos 1990 a revista vai se contornando sobre as obras espificicistas que reduzem a produção a públicos cada vez mais particulares e aos mesmo tempo se alinha mais no requinte interpretativo dos conceitos e teorias. Para Porto Alegre (1995), houve a partir dos anos 1990, uma abertura a certas vias de conhecimento que antes eram restritas na sociologia e isso caminharia em busca de uma visão cada vez mais interdisciplinar do conhecimento sociológico.

Ela ainda afirma, falando do perfil dos autores que publicaram na Revista de Ciências Sociais de 1970 a 1994, como sendo em sua maioria composta por sociólogos e antropólogos, embora houvesse uma parcela de “participação de cientistas políticos, economistas, historiadores e filósofos” além de autores de outras áreas também, mas em uma menor intensidade (PORTO ALEGRE, 1995, p.09).

Porto Alegre (1995) ainda ressalta a importância que muitos colaboradores estrangeiros tiveram na Revista se destacando como pesquisadores e colaboradores da Revista de Ciências Sociais. Nomes como Jean Duvignaud, Ralph Della Cava, Billy Jaynes Chandlers, Ronald Chilcote e Roger Cunnif, tendo participações com intensidade diferenciada, mas todos com sua parcela de contribuição (PORTO ALEGRE, 1995, p.10).

Destaca também a importância que as universidades brasileiras tiveram na maior amplitude da Revista pela colaboração docente: “Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade de São Paulo, Universidade Estadual de Campinas, Universidade Federal de Pernambuco, Universidade Federal da Paraíba, Universidade Federal da Bahia e Uni-

versidade de Brasília”. Nomes como “Antonio Augusto Arastes Neto, Renato Raul Boschi, Vamireh Chacon, Beatriz Góis Dantas, Neidi Esterci, Antonio Fausto Neto, Léia Coelho Frota, Maria Júlia Goldwasser, Eduardo Hoornaert, José Sergio Leite Lopes, A. L. Machado Neto, José de Souza Martins, Adélia bezerra de Menezes, Douglas Teixeira Monteiro, Luiz Felipe Baeta Neves, Lúcia Lippi Oliveira, René Ribeiro, Simon Schwartzman, Gláucio Ary Dillon Soares e Gilberto Velho” foram influentes no desenvolvimento da revistas por suas contribuições.

Sem esquecer da participação dos professores do próprio então Departamento de Ciências Sociais e Filosofia: “Irllys Alencar Firmo Barreira, João Pompeu de Souza Brasil, Rejane Vasconcelos Carvalho, Luís de Gonzaga Mendes Chaves, Luciano Mota Gaspar, Linda Maria Gondim, André Haguette, Teresa Maria Frota Haguette, Maria Auxiliadora Lemenhe, Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes, Manfredo Araújo de Oliveira, Maria Sylvia Porto Alegre e Maria Sulamita Vieira”. Além destes já citados, também tiveram participações de autores de outras escolas de ciências sociais e até de outras áreas do conhecimento do Estado do Ceará, com a participação de docentes da Universidade Estadual do Ceará e Universidade de Fortaleza.

Segundo PORTO ALEGRE (1995), a participação de autores estrangeiros e de outros estados brasileiros cresceu mais a partir da década oitenta, com participações de:

(...) docentes, pesquisadores, mestrandos e doutorandos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Alagoas e Sergipe, do IUPERJ, do IPHAN, do CPDOC, da USP, Fundação Joaquim Nabuco de Pernambuco e do Núcleo de Altos estudos amazonenses do Pará e de Roraima (PORTO ALEGRE, 1995, p.10).

Já os autores estrangeiros vinham principalmente da América do Norte: “(...) Universidade de Columbia, Nova York, Wisconsin, Texas, Califórnia, Kansas, Florida, Connecticut, Tennessee e Yale (...)”. Além destas, há também franceses das universidades de “Tours, Grenoble, Poitiers e ao CNRS”, como também “alemães e sul-americanos” (PORTO ALEGRE, 1995, p.10).

A professora Maria Sylvia Porto Alegre também organizou um trabalho elaborado de todas as publicações de 1970 até 1994. Nesse levantamento publicado na edição comemorativa dos vinte e cinco anos da Revista de Ciências Sociais, a professora Maria Sylvia Porto Alegre (1995) classificou os autores em ordem alfabética, porém, nessa pes-

quisa, nos interessa mais a ordem cronológica por dois motivos: para um melhor detalhamento das mudanças ocorridas ao longo do processo histórico no perfil da revista e para uma melhor visão da presença nacional e estrangeira ao longo do tempo. Consideraremos esse levantamento já feito e daremos continuidade essa linha de pesquisa com intuito de perceber o cenário da Revista de 1994 até 2016, analisando principalmente as origens dos autores e suas temáticas abordadas e as mudanças, nessas perspectivas, ocorridas até hoje⁶.

Como já dissemos deveremos conhecer o que o sociólogo cearense tem de disponível para leitura em dos principais periódicos do país instalado em seu estado. Para nós a revista é um recorte da realidade para se entender a situação da nossa sociologia, por que pode oferecer um bom panorama, obvio, não como única via de acesso ao conhecimento, mas como um dos dispositivos disponíveis que demonstram as trocas de conhecimento entre os público e pesquisador e a comunidade acadêmica.

Por isso essas mudanças ocorrem sempre ao seu tempo e dão características ao meio em que atuam dependendo das influencias que recebem, e é aí que entra a função dos periódicos científicos. Para Santos (2010) os periódicos são os principais responsáveis pela tarefa de determinar a comunicação científica, gerando a evolução da própria ciência.

Os periódicos ou revistas científicas podem ser considerados como o principal meio de divulgação dos resultados de pesquisa e experiências, fato que favorece a evolução da própria ciência. Por isso, pode se dizer que a história dos periódicos científicos se confunde com a evolução da ciência e da pesquisa científica (SANTOS, 2010, p.37).

Assim é válido dizer que o aparelho de divulgação mais importante no que diz respeito ao fluxo das ideias no meio acadêmico hoje é o periódico científico e que sua evolução é também a evolução das ciências em geral.

A Revista de Ciências Sociais da UFC embora tenha evoluído muito de alguns anos para cá e tente manter sua periodicidade sempre assídua, ainda tem um grande problema que é falta de recursos financeiros para o custeio da impressão das publicações. Esse problema já vem se arrastando desde muito tempo. Pelo o que nos relata Porto

⁶ Todo o material a respeito desse trabalho desenvolvido pela professora Maria Sylvia Porto Alegre e publicado na Revista de Ciências Sociais, v. 26, n. 1/2, p. 113-120, de 1995, pode ser encontrado em um anexo no final desse projeto, levando em consideração a ordem cronológica dos dados.

Alegre (1995) o problema já chegou até a ter que agrupar volumes duplos ou quádruplos para não deixa de publicar, porém esses problemas não os desanimaram.

Olhando para a perspectiva da importância que tal periódico ou revista tem com a evolução da ciência é muito importante entendermos o campo em que a Revista de Ciências Sociais está inserida, a posição que ela ocupa no meio científico e também sua rede de inter-relação que estabelece os interesses e por consequência uma maior disposição em mantê-la sempre ativa.

3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Um dos grandes debates realizados na sociologia brasileira, principalmente depois da década de 1950, se pauta a respeito da originalidade e da autonomia do agente de pesquisa das ciências sociais no Brasil. Podemos observar nas teorias de grandes nomes dentro da sociologia nacional, como por exemplo, Antônio Cândido, Florestan Fernandes, Guerreiro Ramos, entre outros tantos, que a crítica à originalidade e a autonomia do brasileiro em pensar sua própria sociedade se faz presente em certos pontos de suas obras.

Em resumo ao contexto que esses sociólogos buscam explicar, temos a noção de que no sociólogo formado em território nacional há uma necessidade intensa de encontrar a veia central de uma subjetividade que represente os problemas sociais de forma mais particular e mais aplicável a realidade intrínseca do meio.

Antônio Cândido (2000) trabalhou uma análise sobre o molde menos brasileiro e mais europeu do fazer literário dos escritores brasileiros. Em seu livro, *A Formação da Literatura Brasileira* de 2000, ele passeia pelo contorno que se dá as obras de literatura, que, além de tudo, se faz através da pedagogia europeia, e terce sua crítica à propagação de uma ideologia nacionalista e identitária pré-moldada. Embora Antônio Cândido não tenha trabalhado com a busca da autonomia do sociólogo brasileiro, como é o caso de Florestan Fernandes e Guerreiro Ramos, ele atentou para o mesmo fenômeno destes dois autores citados, só que usando a literatura como objeto de análise.

Ao tratar o gosto brasileiro pelo estilo europeu de conhecer o mundo, Antônio Cândido se assemelha a Florestan Fernandes. Para F. Fernandes (1980), é natural que

“povos culturalmente muito dependentes”⁷ busquem as suas referências intelectuais nos grandes centros de produção de conhecimento⁸ externos a si. Isso explicaria, segundo ele, o surgimento da sociologia no Brasil tão simultaneamente a sua explosão na Europa. Dessa forma, Florestan considera que a sociologia surgiu no Brasil tão logo quando emergiu como “novidade intelectual”⁹ na Europa. Para ele, essas “novidades” tornavam-se conhecidas no meio intelectual sem ao menos serem absolvidas com autonomia de análise crítica e que isto, propositalmente se fazia para respaldar anseios particulares nos meios intelectuais daqueles centros de referências citados anteriormente (FERNANDES, 1980).

Trabalharemos com as teorias de Florestan Fernandes contidas principalmente em sua obra, *A sociologia brasileira*, de 1980, onde se acentua a linha tênue da incógnita acerca da autonomia do sociólogo brasileiro, porque buscaremos analisar onde se encaixam essas teorias levantadas por Florestan e em que grau se encontram essas tendências atualmente no contexto intelectual cearense.

Esse livro é uma compilação de vários ensaios elaborados por F. Fernandes depois dos anos de 1950, e que traçam um perfil histórico da sociologia brasileira, tendo a pretensão da amostragem que aborda o desenvolvimento, não só dá sociologia como ciência institucional, mas também como ferramenta de poder crítico dos agentes que a utilizam.

Florestan Fernandes inicia o segundo capítulo de *A sociologia no Brasil*, de 1980, sugerindo, uma análise da sociologia sob dois aspectos: a inquietação natural do ser humano de perceber o meio em que vive e o curso de sua história na coletividade; e o da formalização dessa inquietação sob a ordem científica de pesquisa, no qual o aparato institucional foi criado na Europa e nos Estados Unidos para dar suporte ao mundo capitalista que se estruturava (FERNANDES, 1980).

Ele tenta analisar a sociologia brasileira sobre questões que vão muito além do simples relato histórico, alocando em sua análise três pontos fundamentais. O primeiro

⁷ FERNANDES, 1980. P. 26

⁸ Quando Florestan Fernandes se refere aos centros de referências estrangeiros, quer se referir à Europa e EUA que foram os principais centros de produção científica do mundo capitalista, ideia que ele explicita quando traça uma análise histórica da sociologia brasileira no livro, *A sociologia brasileira*, de 1980.

⁹ FERNANDES, 1980. P. 26-27

deles diz respeito ao pensamento racional e a aplicação do conhecimento sociológico em um país que não obtinha as mesmas condições sociais e culturais dos países pioneiros dessa ciência. O segundo tenta perceber até que ponto estas condições sociais e culturais influenciam o intelectual em atividade. O terceiro ponto busca orientar-se sobre a origem dos motores que reelaboram a sociedade dinamicamente e o desenvolvimento e autonomia da própria sociologia que se propõe a análise de tais fenômenos (FERNANDES, 1980). É interessante notarmos que, por essas ideias, ele é considerado o fundador da sociologia crítica no Brasil (IANNI, 2004. p.308).

Florestan Fernandes foi além de tudo um sociólogo preocupado com o desenvolvimento da sociologia no país enquanto campo do saber científico. Contemporâneo de Florestan temos o sociólogo Francês Pierre Bourdieu que fundaria a sociologia reflexiva na Europa, tomando grandes proporções mundo a fora e deixando um legado a sociologia semelhante ao debate crítico proposto por Florestan Fernandes aqui no Brasil.

A exemplo, um dos conceitos trazido por Bourdieu e que hoje é muito debatido nas universidades brasileiras é o de campo científico, que em suas próprias palavras e a grosso modo, “(...) é o lugar, o espaço de jogo de uma luta concorrencial” (ORTIZ, 1983. p.122). Ou seja, o espaço simbólico onde a trama das disputas entre os cientistas pela maior visibilidade de suas pesquisas se faz presente. Bourdieu começa seu trabalho, *O Campo Científico*, com o argumento de que o campo em que o jogo da ciência atua é de plena concorrência. Para ele, o prêmio em jogo é o “monopólio da *autoridade Científica*” e essa autoridade, por consequência, se define como “capacidade técnica e poder social”, ou se pensado individualistamente, como valoração pessoal enquanto agente dessa tal autoridade (ORTIZ, 1983. p.122).

Para Bourdieu, é impossível separar o poderio da ciência do agente representante, a quem chamamos hoje de pesquisador, aquele que, por consequência, carrega consigo o poderio fornecido pela autoridade das suas pesquisas. Segundo Bourdieu, o aparato montado no campo das ciências, só permite a pesquisa validada pelos ‘capacitados’ ou ‘competentes’, que são os grandes nomes do saber científico, autorizados a legitimar o conhecimento nascedouro dos novos agentes. Parafraseando Pascal, ele diz que a “ostentação tão autêntica” que a ciência exige modifica o olhar do pesquisador. Também precisamos notar o que assevera Bourdieu acerca das consequências desse jogo principalmente para os componentes das baixas castas dessa hierarquia.

(...) Assim, os julgamentos sobre a capacidade científica de um estudante ou de um pesquisador estão sempre contaminados, no transcurso de sua carreira, pelo conhecimento da posição que ele ocupa nas hierarquias instituídas (as Grandes Escolas, na França, ou as universidades, por exemplo, nos Estados Unidos) (ORTIZ, 1983. p.124).

Para Bourdieu, o aparato montado para a ciência determina as posições, e qualquer um que se queira nele ingressar ficará marcado pela posição que ocupa no jogo. Porém, segundo Bourdieu o jogo no campo científico tem duas faces: tanto se faz *intrinsecamente*, relacionando-se aos interesses do pesquisador com seus resultados, suas descobertas; quanto *extrinsecamente*, nas proporções que o realce de sua autoridade científica o alçará. Citando Reif, Bourdieu comprova essa ideia mostrando o quão frustrante seria para um pesquisador encontrar os resultados de uma pesquisa publicada que se assemelhe aos que ele já estaria perto de obter (ORTIZ, 1983. p.125).

Nessa perspectiva Bourdieu demonstra porquê o jogo no campo científico tem essa dupla face e porquê afirma que o campo científico é concorrencial, tal como foi afirmado anteriormente. Não é o mero comprometimento com a ciência ou com o conhecimento útil a humanidade, mas existe aí também um interesse individual de escalar na mesma hierarquia da qual o pesquisador submetido em determinado momento. Existe o interesse de figurar entre os intelectuais que detêm o saber científico ou ser referenciado como alguém ilustre no meio.

O que é percebido como importante e interessante é o que tem chances de ser reconhecido como importante e interessante pelos outros; portanto, aquilo que tem a possibilidade de fazer aparecer aquele que o produz como importante e interessante aos olhos dos outros (ORTIZ, 1983. p.125).

Os frutos que cada pesquisador colhe com suas pesquisas, sejam eles materiais ou simbólicos, este último se referindo ao que já definimos aqui como sendo o reconhecimento do pesquisador no meio científico e suas vantagens, Bourdieu chama de lucros (ORTIZ, 1983). Dentro dessa concorrência do campo científico a busca pelo lucro é inegável. É por isso que existe um acúmulo de pesquisadores sobre determinados temas e uma busca por novos ramos de assuntos menos concorridos, com o próprio campo científico determinando, segundo a posição ocupada por cada pesquisador, os assuntos mais importantes, com mais investimentos e de mais urgência na sociedade capitalista, que é quem investe nesse jogo.

Não muito diferente do que dizia Michel Foucault em seu livro *Microfísica do Poder*, de 1979, acerca dos interesses no meio científico. Para Foucault o intelectual tradicional no meio científico se fazia sob duas perspectivas:

Em primeiro lugar, sua posição de intelectual na sociedade burguesa, no sistema de produção capitalista, na ideologia que ela produz ou impõe (ser explorado, reduzido à miséria, rejeitado, "maldito", acusado de subversão, de imoralidade, etc.); em segundo lugar, seu próprio discurso enquanto revelava uma determinada verdade, descobria relações políticas onde normalmente elas não eram percebidas (FOUCAULT, 1979, p.42)

Sob as égides do aparato que governa as ciências na sociedade e resguarda o direito de pesquisa e seus privilégios aos homens formalmente legalizados para as ciências, Foucault vai mais além e toca no ponto chave da ferida aberta do empirismo. Foucault (1979) diz que o intelectual não descobre nada que as massas já não saibam e já não dizem, ele apenas diz legitimado pela ciência e pelo sistema como um todo emaranhado da sociedade onde até o próprio intelectual é parte.

Ora, o que os intelectuais descobriram recentemente é que as massas não necessitam deles para saber; elas sabem perfeitamente, claramente, muito melhor do que eles; e elas o dizem muito bem. Mas existe um sistema de poder que barra, proíbe, invalida esse discurso e esse saber. Poder que não se encontra somente nas instâncias superiores da censura, mas que penetra muito profundamente, muito sutilmente em toda a trama da sociedade. Os próprios intelectuais fazem parte deste sistema de poder, a idéia de que eles são agentes da "consciência" e do discurso também faz parte desse sistema (FOUCAULT, 1979, p.42).

Nesse ponto, nos deparamos com as teorias de Norbert Elias e as conceituações das redes de interdependências das sociedades ou dos grupos sociais. Para Elias, em *A Sociedade dos Indivíduos*, de 1994, a sociedade não está meramente definida pelo aglomerado de pessoas em determinado espaço/tempo, mas sim pelas relações exercidas pelos indivíduos (ELIAS, 1994). Para ele, o que diferencia o ser humano dos outros seres vivos são as inter-relações existente entre eles, pois assim tornam-se sabidos e evoluídos, bem como dependentes dessas redes ininterruptas de influências.

(...) cada pessoa singular está realmente presa; está presa por viver em permanente dependência funcional de outras; ela é um elo nas cadeias que ligam outras pessoas, assim como todas as demais, direta ou indiretamente, são elos nas cadeias que a prendem. Essas cadeias não são visíveis e tangíveis, como grilhões de ferro. São mais elásticas, mais variáveis, mais mutáveis, porém não menos reais, e decerto não menos fortes. E é a essa rede de funções que as pessoas desempenham umas em relação a outras, a ela e nada mais, que chamamos "sociedade" (ELIAS, 1994, p.20).

Para Elias (1994), o Homem cria sua rede de inter-relação automaticamente ao nascer, já que ele depende de uma pessoa mais velha para evoluir, e continua dependendo das outras pessoas no transcurso de sua história. A essas dependências sociais podemos chamar, segundo Elias, de rede de interdependência.

Usando essas definições acima citadas, tentaremos trazer para o plano da instituição que definimos como objeto de pesquisa, para traçar o perfil das relações estabelecidas nas estruturas do campo científico e a força que essa rede de interdependência natural causa no pensamento social cearense.

Assim, estamos falando do jogo propriamente dito no campo científico citado e trabalhado segundo Bourdieu (ORTIZ, 2003). Para ele, o campo científico, ou seja, o campo onde atuam as ciências, e aqui estamos tratando a sociologia acadêmica como ciência que estuda a sociedade, é cenário onde ocorre a disputa pelo monopólio da autoridade científica, obtendo assim os lucros desse monopólio.

Partindo da ideia de Elias (1994) onde a sociedade é mais que a aglomeração de indivíduo, sendo ela exatamente as relações do coletivo em estrutura organizada pelos indivíduos, que gera uma hierarquia de interdependência, e também da leitura que Bourdieu (2003) faz dessas interdependência dentro do campo científico onde as posições de cada jogador é predeterminada e submissa a estrutura, faremos uma análise dos *temas* como uma predeterminação da estrutura científica da Revista; dos *autores* como jogadores do jogo científico, onde cada um traz suas marcas das redes de interdependência que lhes influenciaram; das *metodologias* como características principais das redes interdependência de cada autor; e os *referenciais teóricos* como registro concreto das redes de influencias e do potencial do monopólio científico que determinadas escolas ou teóricos exercem no campo científico cearense.

Já nas entrevistas teremos uma verdadeira nitidez a respeito das teias de interdependência que influenciaram cada autor. Para ELIAS (1994), a sociedade se constrói não com um consenso consciente de muitas ou de todas as pessoas de determinado grupo social, mas sim de um todo harmônico encorpado em estruturas mentais que passam então a ser entendido como sociedade. Ainda segundo ele, esse encorpamento social se dá através das relações, num movimento de influências constantes. O que gera aí as redes de interdependência.

Nesse sentido, poderemos, nas entrevistas, analisar as influências que marcaram o pensamento de cada entrevistado, podendo ser entendido como parte das redes de inter-relação da qual Elias (1994) se referia.

4. METODOLOGIA

De cunho quantitativo e com aspectos qualitativos, essa pesquisa se fará como meio de quantificar os autores presentes nas publicações da RCS e classificá-los em Nacionais e Estrangeiros, portanto, trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental, basicamente, embora não se dispense o fato de que a entrevista seja uma opção de relatos orais dos criadores e mantenedores desta revista válidos para essa pesquisa.

Para o desenvolvimento da pesquisa, usaremos principalmente como ferramenta de análise documental as edições da Revista de Ciências Sociais entre 1994 a 2016. Usaremos o recurso de entrevistas com os organizadores da Revista desde sua criação até os dias atuais, para obtermos uma melhor conotação histórica e ideológica dos objetivos da Revista.

Será construído um catálogo que dirá as origens de cada autor, qual suas escolas de formação e os dividiremos em brasileiros e estrangeiros a cada ano. Faremos uma tabela também em análise as bibliografias de cada artigo, atentando também para a presença de estrangeiros e brasileiros em cada bibliografia de cada artigo e por ano.

Essa análise será considerada pelo fato de que essa pesquisa atenta para as redes de inter-relações no campo sociológico cearense, visando uma nitidez sobre o fluxo teórico expresso na Revista de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará. Portanto, uma análise quantitativa da presença de autores nacionais e estrangeiros, suas origens e suas bases escolares será feita para entendermos a intensidade de cada presença teórico-metodológica e assim entendermos as relações ali expressa.

2.1 Análise Documental

Para Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009, p.10) a análise documental “propõe-se a produzir ou reelaborar conhecimento e criar novas formas de compreender os fenômenos”. Obvio que o pesquisador entra no processo com sua parcela de contribuição. Para

eles, “O investigador deve interpretá-los, sintetizar as informações, determinar tendências e na medida do possível fazer a inferência” (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009, p.10).

O trabalho sobre investigação documental trazida para nós segundo os autores Jackson Ronie Sá-Silva, Cristóvão Domingos de Almeida e Joel Felipe Guindani traz, de princípio, uma questão a ser elucidada: o trabalho com documentos é “pesquisa, método, técnica ou análise?” (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009, p. 4).

Para eles, a dificuldade em debater o assunto se faz por causa das várias conceituações sobre o trabalho documental no meio científico. Então, mostrando como vários autores lidam com esse tema, alguns se utilizando do trabalho documental como pesquisa, análise, método ou técnica eles vão elucidando o assunto.

Porém chegam a conclusão de que “a pesquisa documental é procedimento que se utiliza de métodos e técnicas para a apreensão, compreensão e análise de documentos dos mais variados tipos” (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009, p. 5).

Mas os questionamentos também se relacionam com a dúvida sobre a semelhança existente entre pesquisa documental e pesquisa bibliográfica. Para eles a pesquisa documental está relacionada as pesquisas que lidam com os dados original e diretamente ligada aos fatos, e pesquisa bibliográfica está ligada a uma releitura do material já existente sobre tais fatos. Ou seja, no primeiro caso diz-se que se trabalha com fontes primárias, e no segundo, com fontes secundárias.

As fontes primárias estão relacionadas aos dados diretamente ligadas aos fatos, como por exemplo, notícias, fotos, revistas, jornais, etc. Já as fontes secundárias farão análises a partir de leitura dos dados já trabalhados por cientistas, reconhecidos no meio científico, ou seja, trabalho feito de forma indireta, via outro pesquisador que já tenha realizado algum estudo sobre tema anteriormente.

Dessa forma, considerando tais informações, trabalharemos com a forma de análise documental, já que nos apropriaremos de um conteúdo novo, ainda não considerado como fonte de análise científica, por considerar que os estudos supracitados da professora, Maria Sylvia Porto Alegre (1995), tratou das edições anteriores as que agora estão sendo analisadas nessa pesquisa.

Ainda segundo Sá-Silva; Almeida e Guindani (2009), depois de escolhido a forma e o material a ser analisado, “a análise é desenvolvida através da discussão que os temas e os dados suscitam e inclui geralmente o *corpus* da pesquisa, as referências bibliográficas e o modelo teórico”. Para eles, uma das possibilidades de análise muito usada nas pesquisas em ciência humana “consiste em relacionar a frequência da citação de alguns temas, palavras ou idéias em um texto para medir o peso relativo atribuído a um determinado assunto pelo seu autor” (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009, p.11), o que será para nós um método muito eficaz nessa pesquisa.

Também será de grande valia na nossa pesquisa os aspectos qualitativos do conteúdo trazidos conceitualmente por Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009) sobre a análise documental. Para eles:

(...) o texto é abordado a partir do entendimento do contexto da sua produção pelos próprios analistas. Devemos então estar atentos para o fato de que a análise de conteúdo pode caracterizar-se como um método de investigação do conteúdo simbólico das mensagens (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009, p.11).

Ainda segundo Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009, p.11) existem duas unidades de análises que podem ser escolhidas para o conteúdo documental: “a Unidade de Registro e a Unidade de Contexto”. No caso desse projeto convém usar as duas unidades de análise visto que a complexidade dos objetivos permite e, melhor, exige ambas opções.

Na Unidade de Registro:

O investigador pode selecionar segmentos específicos do conteúdo para fazer a análise, determinando, por exemplo, a frequência com que aparece no texto uma palavra, um tópico um tema uma expressão, uma personagem ou um determinado item (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009, p.11).

Já na Unidade de Contexto, “pode ser mais importante explorar o contexto em que uma determinada unidade ocorre, e não apenas sua frequência” (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009, p.12). Dada a escolha pela unidade de análise, segundo Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009), virá a fase de categorização dos dados, que é exatamente uma organização de dados em categorias necessária as análises da pesquisa.

Dito isso, cabe a nós nessa pesquisa fazer uma primeira categorização que até agora foi possível perceber como necessária ao desenvolvimento dos dados documentais.

Obvio, considerando sempre o que afirma Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009, p.12) o sobre as mudanças de categorização no decorrer da pesquisa:

Elas surgem, num primeiro momento, da teoria em que se apóia a investigação. Esse conjunto preliminar de categorias pode ser modificado ao longo do estudo, num processo dinâmico de confronto constante entre empiria e teoria, o que dará gênese a novas concepções e, por consequência, novos olhares sobre o objeto e o interesse do investigador.

Assim, analisaremos as revistas acerca de alguns pontos principais:

- 1) **Temas.** Cada edição da revista tem um tema central que é escolhido pelos editores e que norteia as publicações. Para nós é de suma importância perceber quais temas foram abordados ao longo do período analisado
- 2) **Autores.** Também é importante notar nacionalidade e as escolas formações dos autores que publicam na revista e suas linhas de pesquisa. Isso poderá ser feito através da análise do currículo disponível na plataforma Lattes ou outro currículo compatível.
- 3) **Metodologia.** Qual a metodologia abordada pelos os autores que publicam na revista e que metodologia a revista utiliza para selecionar os artigos para publicação e na escolha do tema de cada edição.
- 4) **Referencial bibliográfico.** Observaremos o referencial bibliográfico de cada artigo, com a preocupação de perceber quais os autores que mais se repetem e a presença dos teóricos nacional e estrangeiros nos referenciais bibliográfico.

Nesta fase é importante ressaltarmos que nem todas edições das revistas estão disponíveis para aquisição, na maioria das vezes por apenas restar um único exemplar que é o do acervo da própria revista, porém, nesses casos, estes exemplares ficam disponível para consulta no local.

A Revista de Ciências Sociais atualmente funciona no prédio do Departamento de Ciências Sociais da UFC, situado à avenida da Universidade, 2995, 1º andar, bairro Benfica, Fortaleza/Ceará/Brasil. O acesso é permitido sempre em horário comercial, com o acompanhamento de um dos dois bolsistas que atualmente trabalham na revista.

Também é importante ressaltar que a maior parte das edições já foi adquirida pelo pesquisador na sede da revista. Apenas não foram conseguidas ou requisitadas as revistas:

as que não tem mais exemplares a venda; ou aquelas que são disponibilizadas gratuitamente no formato digital no *site* da própria revista.

2.2 Entrevistas

A entrevista é hoje, segundo as autoras Valdete Boni e Sílvia Jurema Quaresma (2005, p.72), “a técnica mais utilizada no processo de trabalho de campo”. Segundas elas, na entrevista pode-se coletar dados objetivos e subjetivos, sendo que os dados subjetivos apenas são encontrados na entrevista, ao contrário dos dados objetivos que geralmente pode-se encontrar também na fase documental. Dá-se aí então a importância das entrevistas nas pesquisas em ciências humanas, incluindo esta pesquisa.

Os dados objetivos podem ser obtidos também através de fontes secundárias tais como: censos, estatísticas, etc. Já os dados subjetivos só poderão ser obtidos através da entrevista, pois que, eles se relacionam com os valores, às atitudes e às opiniões dos sujeitos entrevistados (BONI; QUARESMA, 2005, P.72)

Boni e Quaresma (2005) classificam as principais modelos de entrevistas nas ciências sociais, são eles: *entrevista projetiva*, onde o foco é o campo visual do entrevistado e seu entendimento acerca de figuras, cartões, fotos, filmes, etc.; *entrevistas com grupos focais*, “é uma técnica de coleta de dados cujo objetivo principal é estimular os participantes a discutir sobre um assunto de interesse comum” (BONI; QUARESMA, 2005, p.73); *história de vida*, é usada basicamente para “retratar as experiências vivenciadas por pessoas, grupos ou organizações” (BONI; QUARESMA, 2005, p.73); *entrevista estruturada*, “é aquela onde as perguntas são previamente formuladas e tem-se o cuidado de não fugir a elas” (BONI; QUARESMA, 2005, p.73); *entrevista aberta*, é aquela onde “o entrevistador introduz o tema e o entrevistado tem liberdade para discorrer sobre o tema sugerido” (BONI; QUARESMA, 2005, p.74); e *entrevista semi-estruturada*, que será o tipo de entrevista utilizada em nossa pesquisa.

As entrevistas semi-estruturadas têm um caráter aberto e fechado, ou seja, com perguntas pré-elaboradas, mas podendo flexibilizar no conteúdo das perguntas de acordo com os interesses da pesquisa. Esse tipo de entrevista dá maior autonomia do entrevistador em adicionar questões quando achar que outro assunto oportunamente apareceu e muito interessa a pesquisa ou excluir perguntas que ao longo da entrevista foram respon-

didadas antes de serem perguntadas. Essa flexibilização também permite que o foco da entrevista seja direcionado ao tema sempre que dispensar para questões irrelevantes ao trabalho, portanto tornando a entrevista mais objetiva (BONI; QUARESMA, 2005).

Segundo Boni e Quaresma (2005), nas entrevistas do tipo aberta e semi-estruturada o afeto gerado pela proximidade entre o entrevistador e o entrevistado pode facilitar uma espontaneidade para assuntos mais complexos ou delicados, o que na entrevista estruturada não seria possível.

Desse modo, estes tipos de entrevista colaboram muito na investigação dos aspectos afetivos e valorativos dos informantes que determinam significados pessoais de suas atitudes e comportamentos. As respostas espontâneas dos entrevistados e a maior liberdade que estes têm podem fazer surgir questões inesperadas ao entrevistador que poderão ser de grande utilidade em sua pesquisa (BONI; QUARESMA, 2005, P.75).

Mas existem problemas que também podem atrapalhar ou impossibilitar a entrevista do aberta ou semi-estruturadas. Nesse momento, Boni e Quaresma (2005) lembram que os obstáculos da entrevista nessas modalidades estão muito mais relacionadas ao entrevistador que ao entrevistado. A demanda de custo onerário e tempo são alguns dos problemas elencados, o que para nós, nessa pesquisa são problemas já contornados.

As entrevistas dessa pesquisa serão realizadas com os atuais editores da revista e também com aqueles que atuaram na construção da Revista e terão um caráter semi-estruturada, fundadas no objetivo de compreender a história da revista, de seus desafios e intentos, bem como seus objetivos intrínsecos a sua criação.

Elas terão o questionário pré-definido e será apresentado ao entrevistado previamente, ficando flexível a questões que possam surgir no decorrer da entrevista, já que o questionário ficará incumbido de trazer os fatos que não só quantificam informações, mas que também traduzem os anseios dos editores ao se lançarem no desafio de criar, manter e desenvolver a revista.

As entrevistas ocorrerão em data e local definidos pelo entrevistado, sendo respeitado suas disponibilidades de tempo e espaço. Também serão gravadas, se assim permitido, para uma melhor análise dos dados importantes que se fizerem presentes apenas nas entrevistas. A gravação é a segurança de que nenhum dado importante passe despercebido.

5. BIBLIOGRAFIA

1. BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais.** Revista Eletrônica dos Pós-Graduando em Sociologia Política da UFSC, v. 2, n. 1(3), p. 68-80, Janeiro/Julho 2005.
2. CERRI, Fernando Luís; SILVA, José Alexandre. **Norbert Elias e Pierre Bourdieu: biografia, conceitos e influências na pesquisa educacional.** *Revista Linhas*, Florianópolis, v. 14, n. 26, jan./jun. 2013. p. 171 – 198.
3. ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos.** Organizado por Michael Schröter; Vera Ribeiro, revisão técnica e notas, Renato Janine Ribeiro. – Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
4. FEITOSA, Bosco; ANDRADE, João T. **Ciências Sociais da UECE: história e memórias.** Fortaleza: EdUECE, 2012.
5. FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
6. FERNANDES, Florestan. **A sociologia no Brasil: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento.** Petrópolis, Vozes, 1980.
7. GARCIA, Maria Manuela Alves. **O campo das produções simbólicas e o campo científico em Bourdieu.** *Cad. Pesq.* n.97, p.64-72, São Paulo: 1996.
8. HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na Sociologia.** 3.ed.rev. Petrópolis: Vozes, 1992.
9. IANNI, Octavio. **O pensamento social no Brasil.** Bauru, SP: EDUSC, 2004.
10. ORTIZ, Renato, Org.; FERNANDES, Florestan, Coord. **Pierre Bourdieu – Sociologia.** São Paulo: Ática, 1983.
11. PORTO ALEGRE, M. Sylvia. **Revista de Ciências Sociais, 25 anos.** In. *Revista de Ciências Sociais.* v. 26 n. 1/2 pp. 06-12. 1995.
12. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA DA CASA CIVIL: subchefia para assuntos jurídicos. **Parágrafo único do artigo 2º da LEI Nº 2.373 de 16 de dezembro de 1954.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/1950-1969/L2373.htm (Acesso: 14/04/2016)

13. SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. **Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas.** Revista Brasileira de História e Ciências Sociais. Ano I, n. I, p. 1-15, Julho/2009.

14. SANTOS, Solange Maria dos. **Perfil dos periódicos científicos de ciências sociais e de humanidade: mapeamento das características extrínseca.** Orientação Prof. Dra. Daisy Pires Noronha. São Paulo: s.n, 2010.

15. STUMPF, Ida Regina Chitto. **Passado e Futuro das Revistas Científicas.** Ciência da Informação. Vol. 25. N. 3. Artigos: 1996.

7. CRONOGRAMA

	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
Levanta- mento biblio- gráfico	X	X										
Coleta de da- dos		X	X	X								
Análise dos dados			X	X	X							
Redação da monografia	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	
Entrevistas					X	X	X	X				
Análise docu- mental				X	X	X	X					
Revisão e correção									X	X	X	
Defesa												X

BRASIL, João Pompeu de Souza. **“O método comparativo em antropologia: contribuição e deficiências da abordagem transcultural”**. v. 2, n. 2, p. 137-147.

CHAVES, Luis de Gonzaga Mendes. **“Minorias e seu estudo no Brasil”**. v.2 , n. 1, p. 149-168.

_____. **“Um aspecto relevante da contribuição de Silvio Romero às ciências sociais”**. v. 2, n. 2, p. 87-113.

FONTENELLE, Luís Fernando Raposo. **“A comunidade no Brasil: um estudo tentativo para sua configuração”**. v. 2, n. 1/2, p. 5-14.

GASPAR, Luciano Mota. **“Integração econômica e social de um favela”**. v. 2, n. 1, p. 37-77.

GIRÃO, Valdelice Carneiro. **“Coleção Artur Ramos”**. v. 2, n. 1, p. 95-113.

HAGUETTE, André. **“Filosofia, historicidade e transitoricidade”**. v. 2, n. 1, p. 5-25.

_____. **“Nota sobre uma epistemologia contemporânea: o homem contemporâneo diante do conhecimento”**. v. 2, n. 2, p. 83-86.

HAVENS, A. Eugene. **“Desenvolvimento e modernização: uma contradição fundamental”**. v. 2, n. 2, p. 52-66.

LANDIM, José Vanderlei. **“tecnologia e desenvolvimento”**. v. 2, n. 1, p. 140-148.

MENEZES, Eduardo Diatahy B. de. **“A influência dos métodos de ensino sobre as relações interpessoais dos alunos”**. v. 2, n. 2, p. 15-51.

SILVA, Agamenon Bezerra da. **“Da filosofia política: funções e objetivos”**. v. 2, n. 1/2, p. 26-36.

SOARES, Teodoro. **“Federalismo Brasileiro”**. v. 2, n. 1, p. 78-94.

_____. **“O papel do estado no campo econômico do Brasil”**. v. 2, n. 2, p. 114-136.

DIÓGENES, Glória. **“Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano”**. v. 25, n. 1/2, p. 157-160.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **“Nacionalismo: ontem e hoje”**. v. 25, n. 1/2, p. 33-53.

LEITE, Ana Cristina Teixeira. **“Mercado de trabalho no Ceará”**. v. 25, n. 1/2, p. 147-156.

LINS, Daniel Soares. **“Século XIX: a paixão das utopias”**. v. 25, n. 1/2, p. 1-20.

MOREIRA, Virgínia. **“Da máscara a pessoa: a concepção trágica de homem”**. v. 25, n. 1/2, p. 21-31.

PINTO, Celi Regina Jardim. **“Vidas privadas: a propósito de uma estratégia de sobrevivência de mulheres pobres”**. v. 25, n. 1/2, p. 93-109.

SILVA, Isabelle Braz Peixoto da. **“Negros da terra”**. v. 25, n. 1/2, p. 161-162. (Resenha de livro).

SOUZA, Lincoln Moraes. **“Furor e fracasso de uma ideologia: o neoliberalismo”**. v. 25, n. 1/2, p. 55-91.

TAKEYA, Denise Monteiro. **“O capital mercantil estrangeiro no Brasil do século XIX: a atuação da casa Boris Frères no Ceará”**. v. 25, n. 1/2, p. 111-145.

VIEIRA, Maria Sulamita de Almeida. **“Cantores do rádio: a trajetória de Nora Ney e Jorge Goulart e o meio artístico do seu tempo”**. v. 25, n. 1/2, p. 163-165. (Resenha de livro).
